

Constituição dá prestígio aos securitários

SÃO PAULO — A indústria de seguros no Brasil deverá apresentar grande salto qualitativo nos próximos anos, com crescimento da figura do corretor de seguros, previu o Presidente da Federação Nacional dos Corretores de Seguros (Fenacor) e Presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros e de Capitalização no Estado de São Paulo, Octávio Milliet.

Para Milliet, a mudança promovida pela nova Constituição, no sentido de separar a atividade securitária da bancária, vedando a comercialização de seguros pelos bancos, representa a vitória dos corretores, pois era antiga aspiração da classe.

— Se na lei complementar for assegurada a conquista dos corretores de seguros, ou seja, que os bancos não poderão mais comercializar seguros, tenho certeza de que o mercado sofrerá profundas alterações — garantiu Milliet.

Após os trabalhos do IV Congresso Estadual dos Corretores de Seguros de São Paulo (Conec), realizado no período de 8 a 10 de outubro, no Maksud Plaza, o Presidente da Fenacor destacou que para que essas conquistas sejam viabilizadas na prática será necessário determinação por parte do setor securitário para que a lei seja cumprida. "Depende do nosso aperfeiçoamento. De mais agressividade na comercialização, da unidade da classe, lutando coisa pelo atendimento das suas legítimas reivindicações, sem deixar se levar por mesquinhas regionalismos, por vaidades e frustrações pessoais".

Milliet salientou que a decisão incluída na nova Carta não significa a proibição aos bancos de constituir

uma companhia seguradora. Segundo ele, ninguém pretende impedir esse direito aos conglomerados financeiros, mas o que se deseja é impedir a sua venda através dos gerentes de agências bancárias, que na maioria das vezes obriga os clientes a comprar o "pacote" de seguros como reciprocidade para a liberação de financiamento.

O mercado securitário tem uma lógica surpreendentemente simples, pois é baseada na existência de três figuras: o segurador, o corretor e o segurado. E por que essa fórmula é um sucesso em todo o Mundo? Simplesmente porque ela representa o equilíbrio, a perfeição, pois se, por exemplo, ocorrer o sinistro com o segurador, digamos o carro roubado, o corretor tem a obrigação profissional, na medida em que ele vive da prestação de serviços, de fazer gestões junto à companhia seguradora para que o cliente receba rapidamente os recursos e de forma integral, conforme o que foi contratado. Não que a companhia necessariamente vá burlar a lei, mas é que o corretor nesse momento assume a figura do advogado e examinará todas as cláusulas com objetivo de que a companhia cumpra exatamente o que foi contratado. Agora, imagine se em vez do corretor quem vendeu o plano de seguros foi o gerente de banco. Ele não pode ir contra a seguradora porque simplesmente perderá o emprego.

A mesma opinião manifestou o Presidente da Comissão Organizadora do IV Conec, Kleber G. Araújo Júnior, para quem as mudanças efetuadas na Constituição ressaltam a importância dos trabalhos do congresso



Milliet: Salto qualitativo na Carta

dos corretores de seguros. "O seguro até hoje sempre foi empurrado pelos gerentes de bancos com grave prejuízo ao público porque seguro você tem de comprar com orientação técnica. Quem vende seguro no balcão de uma agência bancária não está preparado. Afinal, na liquidação de um sinistro você vai procurar quem? Aquele que vendeu o seguro? Você tem que ter um corretor, que assume a figura de intermediário legal e tem interesse em defender o cliente junto à seguradora".

Na sessão solene de abertura do IV Conec, o Presidente da Fenacor prestou homenagem aos parlamentares que se destacaram na luta para que fosse incluída na nova Constituição a distinção entre as atividades de seguro e bancária, ressaltando as pessoas

dos Deputados federais Cunha Bueno, José Carlos Coutinho, José Maria Eymael, Geraldo Alkimin Filho e Aloísio Vasconcelos. Em nome desses políticos, o Deputado Carlos Coutinho disse não ter sido fácil elaborar a Constituição, pois foram 19 meses de muito trabalho e pressões de toda a ordem. O parlamentar admitiu que foi surpreendido pela aprovação da emenda, pois no início todo mundo afirmava que ela jamais passaria devido ao poder dos banqueiros, "os grandes beneficiados nos últimos anos de autoritarismo porque passou o Brasil". Mas graças ao trabalho desenvolvido pela Fenacor e os Presidentes de Sindicatos de Corretores de Seguros foi possível alcançar a vitória representada pelo impedido dos bancos em comercializar seguros, concluiu o Deputado.

Octávio Milliet destacou ainda a importância do convênio firmado junto à Superintendência de Seguros Privados (Susep) para que o registro de corretores de seguros-passe a ser feito pela Fenacor.

— Trata-se de um passo muito importante porque quem dava antes o registro era a Susep que, na verdade, não tinha controle efetivo sobre o processo — afirmou Milliet. A classe, passando a ter a responsabilidade de conceder o registro, terá maior controle e vai impedir, por exemplo, que os gerentes de bancos se registrem. Tudo isso acabará gerando o tão desejado Conselho Federal, que funcionará nos mesmos moldes da OAB ou Crea, controlando e fiscalizando o comportamento dos profissionais de seguros, com direito até de cassar o seu registro se for culpado.

Fenacor tem programa profissional

SÃO PAULO — Paralelo ao convênio firmado com a Susep para que o registro de corretores de seguros passe a ser feito pela Fenacor, está sendo lançado o programa de modernização profissional do corretor. O projeto está sendo apoiado pelo BNDES, Codiseg, Fenacor, Fenaseg e diversas companhias seguradoras, o que garantirá aos profissionais do setor a implantação de sistemas informatizados a custos subsidiados.

Esse programa, explicou o presidente da Fenacor, Octávio Milliet, inclui a instalação de computadores (hardware e software) e também cursos de treinamento, visando a integração do mercado. Segundo Milliet, somente o BNDES liberará recursos da ordem de 3 milhões de OTNs, ou seja, quase Cz\$ 9 bilhões, ainda este ano, para a viabilização do projeto.

— A informatização da Fenacor e dos Sindicatos já foi iniciada — salientou Octávio Milliet. É um largo passo rumo ao futuro, pois além de dar suporte ao serviço de emissão e controle de registro de corretores permitirá dinâmica maior no relacionamento dos Sindicatos com os corretores de suas respectivas regiões.

O presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros e Capitalização no Estado do Paraná, Pedro Augusto Schwab, considera fundamental a viabilização desse programa. Ele diz que sempre defendeu a tese de que não é possível ter um mercado de seguros forte se não forem dadas as condições para as pessoas conhecerem efetivamente o que é segu-

ro. Em outras palavras, Pedro Schwab propõe que seja criado curso superior para a formação de profissionais de seguro, a exemplo das faculdades de economia, arquitetura e de direito.

A grande maioria da população brasileira, afirma Schwab, desconhece os benefícios do seguro, como o de responsabilidade familiar, que tem um custo extremamente baixo e protege toda a família. Para quem mora em condomínio é um produto fantástico, pois se o filho quebrou a janela ou a empregada derrubar um vaso, o segurado estará tranquilo.

Outro ponto que o presidente do Sindicato do Paraná destacou é que os médicos brasileiros deveriam fazer o seguro de responsabilidade civil. "A verdade é que os médicos desconhecem a vantagem desse tipo de produto, o que é um erro, pois protegeria o cirurgião, por exemplo, de uma falha de ordem técnica ou uma fatalidade. Nos Estados Unidos é perfeitamente normal um médico ou qualquer profissional fazer esse tipo de seguro. Para se ter uma idéia, recentemente soube de uma conhecida minha que tem um salão de cabeleireiro em Boston e fez um seguro de responsabilidade civil com prêmio de US\$ 10 mil. Ao ser indagada da razão de um prêmio tão elevado, ela justificou, argumentando que no caso de uma tintura por acaso queimar os cabelos de uma cliente ela estará protegida do infortúnio. No Brasil isso não acontece. Por isso sou favorável à idéia de disseminação da cultura de seguros por todo o País."

Corretor defende interesse do cliente

"Em última análise, o corretor é o próprio segurado. Trata-se do representante legal dos interesses do cliente junto à seguradora e, deste modo, peça fundamental do moderno mercado segurador". A análise é de um corretor, Pedro Henrique Stavola Gomes, da Diedo Corretora de Seguro, do Rio. O trabalho, frisa, é autônomo, o que difere o chamado corretor de seguros do securitário.

Em primeiro lugar, diz Pedro Stavola, o corretor é o profissional autônomo que realiza o trabalho de correlação de seguros em troca de um contrapartida, no caso, a comissão, que é um percentual cobrado em cima do valor total do prêmio. Securitário, por sua vez, é todo aquele que trabalha em companhia de seguros, contrate seguro ou não. É o staff da companhia.

Mas existem securitários que vendem seguros? Existem sim, mas são os chamados produtores de seguros (não confundir com o corretor, frisa Stavola), responsáveis pela venda direta de seguros, só que sem comissionamento.

Os contratos de seguro nascem como um jogo de apostas, conta o corretor, no auge do mercantilismo europeu, mas sob as orientações básicas da emergente burguesia local, principalmente comerciantes interessados em especular com o risco. O mecanismo de apostas era simples: sabedor de que uma caravela zarpava de determinado porto, com uma carga de valor X, o burguês iniciava suas operações de seguro. Do seu lado, ele apostava que, no caso de perda total ou parcial da carga

transportada, o valor X seria restituído integralmente.

Para o dono da embarcação (ou da carga transportada) também só havia uma única obrigação. No caso da carga ser transportada intacta, o segurado, digamos assim, era obrigado a pagar ao burguês uma parte do valor X, variável de acordo com o risco das viagens. Ele apostava isto. Assim nasceu o sistema de seguros atual.

A figura do corretor começou a se desvincular da imagem da seguradora com a ascensão da burguesia ao poder e a formação de uma estrutura social mais flexível, cuja nascente classe média exigia apostas de seguros mais personalizadas, além de um tratamento mais individual. Surge, então, o conhecido seguro de vida. Eram épocas de muitas incertezas,

guerras, pestes, produção industrial em série.

Atualmente, observa Stavola, o mercado encontra-se bastante desenvolvido, com funções específicas definidas. Quebra-se, deste modo, a antiga trílogia seguradora-corretor-segurado para a inserção de várias funções intermediárias e, nem por isso, menos importantes.

Pedro Henrique cita, neste caso, as funções de gerente de riscos (que transforma em riscos os objetos de seguros, dando um parecer definitivo sobre o que é segurável ou não), liquidador de sinistros, que faz o pagamento do prêmio no caso do sinistro ter efetivamente se caracterizado, regulador de sinistros, entre outros.

Codiseg faz campanha institucional

O Presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros e Capitalização de Pernambuco, Antônio Cândido Sobrinho, também considera vital e, a exemplo do Presidente da Fenacor, elogiou a aprovação pelo Conselho de Administração do Codiseg da realização da campanha de divulgação institucional do corretor de seguros, que se inicia nos próximos dias, com a veiculação da importância do mercado securitário através das mídias impressa e eletrônica.

Cândido Sobrinho observou que a mudança na legislação, vedando a comercialização de seguros pelos bancos, representa uma radical alteração na estrutura do setor. De acordo com ele, em 1966, o Brasil ocupava a décima oitava posição na economia mundial e a vigésima alta-va no ranking em termos de receita de prêmios de seguros. Hoje, o País passou a ocupar o oitavo lugar entre

as economias, mas caiu para a quadragésima segunda posição na área de seguros. Isto significa, na opinião de Sobrinho, que o mercado securitário retroagiu em função da legislação elaborada para o setor que sempre procurou beneficiar os bancos em detrimento das companhias seguradoras independentes e dos corretores.

A consequência dessa política desastrosa, assinalou, é que atualmente o setor securitário representa apenas 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB), equivalente a CZ\$ 700 bilhões, este ano. Nos Estados Unidos, a indústria de seguros participa em mais de 9% do PIB americano.

Sobrinho acredita que aumentará substancialmente o espaço para a atuação dos corretores de seguros, que deverão nos próximos anos saltar de um universo estimado hoje em torno de 30 mil profissionais para mais de 500 mil.

Categoria luta pelo seu público

Nilson Garrido Cardoso, Presidente do Sindicato dos Corretores do Rio de Janeiro, resalta a importância do corretor, afirmando que este profissional é o único intermediário autorizado a comercializar essa "fundamental providência na vida do cidadão, que é o seguro". E acrescenta que só o corretor conhece as cláusulas e formas que dão garantia de um bom seguro, tornando-se uma figura tão importante na família quanto um advogado, um despachante ou um médico.

Outro assunto que, segundo Cardoso, precisa ser melhor esclarecido ao público em geral é o pagamento do IPVA. Embora muita gente pense que este é um imposto inútil, ele, na verdade, tem um grande alcance social. O IPVA dá direitos a todos os motoristas, passageiros e até transeuntes que sofrem danos em função do veículo. Em casos de atropelamentos ou colisões com outros veículos, a garantia oferecida é de 40 OTNs e em casos de morte ou invalidez a quantia aumenta para 200 OTNs.

Há algum tempo atrás, o Codiseg — Comitê de divulgação das instituições de seguros — preparou um encarte que foi veiculado em vários meios de comunicação, justamente com o objetivo de orientar o possuidor de veículos sobre seus direitos, informou Cardoso, acrescentando, entretanto, que seguros são importantes, não só para donos de automóveis mas, para toda a população.

No caso de uma emergência o corretor vai dar toda a assistência, providenciando tudo para que o segurado seja bem atendido e receba a indenização pelos os danos que sofreu, explica.

Classificando o seguro de vida como um dos mais relevantes, Cardoso pondera, entretanto, que "a importância do seguro depende das necessidades de cada um". Afinal, continua, o seguro está inserido em todas as atividades econômicas do País. O Presidente do Sindicato só lamenta que no Brasil a atividade seja mal difundida, omitindo do público o conhecimento técnico necessário para contratar o pessoal especializado. —